

## O Titã parece estar fatigado

Pierre Buhler  
*Valor*, 04.11.10

**O sinal mais preocupante é a crescente dívida pública dos EUA, que está em 95% do PIB mas deverá disparar, podendo atingir US\$ 18,4 trilhões até 2018. Um nível sem precedentes de dívida em tempos de paz confronta os EUA.**

Os desdobramentos da "guerra cambial", que provavelmente dominarão as discussões na iminente cúpula do G-20 em Seul, devem ser avaliados contra o pano de fundo do novo panorama do poder - panorama que tem sido transformado, em apenas dois anos, pela primeira crise da economia globalizada.

As consequências econômicas da crise deixaram vários países desenvolvidos numa grave recessão e tentando, a duras penas, promover uma recuperação robusta. Por outro lado, os países dos mercados emergentes, após um ligeiro escorregão, conseguiram reativar as suas turbinas de crescimento e navegam adiante a todo vapor, acumulando taxas de crescimento impressionantes.

Houve também consequências financeiras e econômicas. Embora nenhuma moeda tenha se qualificado para substituir o dólar como moeda de transação e de reserva do mundo, esse "privilégio exorbitante", conforme definiu Charles de Gaulle, passou a ser alvo de ataque furtivo. Em março de 2010, o agrupamento "Asean + 3", que inclui China, Japão e Coreia do Sul, estabeleceu um fundo de US\$ 120 bilhões, sob a chamada "Iniciativa Chiang Mai". Desta vez, ao contrário de 1997, os Estados Unidos nem tentaram torpedear esse embrionário "Fundo Monetário Asiático".

Depois de lidar bem com a situação inicialmente, a Europa se lançou em águas turbulentas quando foi confrontada com a iminência de um calote da Grécia na sua dívida pública. "A crise dentro da crise" expôs a frágil governança da zona do euro e ressuscitou dúvidas sobre a viabilidade de uma união monetária com vastos abismos de competitividade entre seus membros.

A crise também intensificou problemas políticos. O Japão, tido como o mais duramente atingido pela recessão global, enfrenta uma grave e crescente crise moral, demográfica e de governança, acentuada pela recente perda, para a China, da sua posição de segunda maior economia do mundo. Na Europa, disputas entre

líderes revelaram a falta de solidariedade na sustentação dos ideais europeus e escancarou a persistência de egoísmos nacionais contra os quais o projeto europeu havia conseguido se definir desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Por fim, a crise despedaçou o predomínio ideológico do Ocidente. Nas décadas anteriores, as crises financeiras geralmente se originavam nas economias emergentes, patrocinadas hipocritamente pelo "virtuoso" Ocidente e suas instituições. Desta vez, impulsionado pelo dogma da capacidade de recuperação e autocorreção do mercado, a tempestade se formou no núcleo da economia do mundo, os Estados Unidos.

O instinto natural de muitos ainda é, como no passado, observar a economia americana, sobressaindo em relação ao resto do mundo com seu PIB de US\$ 14 trilhões, como o motor da recuperação global. Realmente, os EUA mantêm uma vantagem, graças à sua capacidade de inovação, seus avanços tecnológicos, seu espírito empreendedor e seu otimismo incansável.

Mas as dúvidas estão se avolumando. A potência econômica que por décadas confiantemente proporcionou estabilidade hegemônica à economia global parece estar se esforçando muito para continuar a fazê-lo. Um setor civil cada vez menos competitivo, o fardo dos compromissos no exterior, estagnação salarial: todos sinalizam que o titã americano pode estar fatigado.

O sinal mais preocupante, porém, é a crescente dívida pública dos EUA, agora em 95% do PIB e, mesmo segundo a estimativa oficial conservadora da Controladoria Geral dos gastos públicos no Congresso, deverá disparar, atingindo US\$ 18,4 trilhões até 2018. Quando os passivos implícitos da Seguridade Social e do Medicare são somados, um nível sem precedentes de dívida em tempos de paz confronta os EUA.

O paradoxo aqui é que, à medida que o poderio hegemônico do país se dissipa, os EUA precisam depender cada vez mais dos credores estrangeiros, sobretudo a China, para se manter-se à tona. Infelizmente, a notória pane política de Washington não dá muita esperança para a solução do problema, compondo a impressão de um gigante com pés de barro.

Só um acordo multilateral entre todos os principais atores pode assegurar uma ordem global harmoniosamente viável - uma causa proposta no fim de 2008, quando o fórum técnico do G-20 foi rapidamente promovido a um encontro de cúpula pleno encarregado da governança global.

Mas poderá o G-20 cumprir a sua promessa? A "guerra cambial" atual não passa de outro sinal desse desarranjo.

É claro, devido ao seu mero poderio militar e suas numerosas alianças, os EUA deverão permanecer no topo pelo futuro previsível. A América tornou-se a "potência por default", pois a China, a desafiante mais provável, está, conforme ela própria admitiu, a um longo caminho de uma paridade econômica ou militar com os EUA.

Depois de ter conseguido integrar o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, os EUA precisam começar a elaborar uma nova estrutura de liderança global.

A tarefa é ainda mais hercúlea do que nos anos após 1945, pois hoje uma série de aspirantes a potências mundiais de mentalidade ferozmente independente precisa ser arrebanhada para dentro da ordem mundial. Na condição de principal arquiteto da globalização, os EUA devem, mesmo na sua fadiga, reunir os seus recursos criativos.

**Pierre Buhler** ex-diplomata francês, foi professor adjunto na Sciences Po, em Paris Copyright: Project Syndicate, 2010.